

TRÊS HISTÓRIAS DE OUTRO TEMPO

de **Ignácio de Loyola Brandão**

Os pratos da ferrovia

Andava pela feirinha da Benedito Calixto, com muito cuidado para não pisar em alguma coisa, uma vez que boa parte fica exposta pelo chão. Não queria nada em particular. Ultimamente, não quero nada em especial. Ando amortecido, sem grandes fantasias. Quem não passa por uma fase dessas?

De repente, bati os olhos em um par de pratos familiares. Brancos, tinham um traço num vermelho que deveria ter sido vivo, mas se mostrava desbotado. Abaixei-me e vi o logotipo que fez parte da minha vida: EFA.

Puxa! Eram pratos do vagão-restaurant da Estrada de Ferro Araraquara. Quando a ferrovia estava no auge. Elas foram bem até o Carvalho Pinto estatizar tudo e desmontar uma engrenagem que funcionava azeitadíssima.

Somente tinham acesso ao restaurante os passageiros da primeira classe. Os da segunda eram discriminados, viajavam em bancos de madeira e chegavam ao destino com o corpo moído. Na primeira, os bancos eram almofadados, com revestimento de palhinha e uma fronha branca sobre o encosto de cabeça. Na verdade, os bancos também eram duros, e a sensação de conforto vinha mais da sugestão do que da realidade.

Mal a viagem se iniciava, passava o garçom do restaurante e reservava-se um horário para o almoço ou jantar. Claro que havia trens que funcionavam fora dos horários de almoço ou jantar. Como o concorrido das 6h10, que chegava a São Paulo às 11h05, em ponto. Então só ia ao restaurante quem queria tomar café da manhã ou um chá.

Os da segunda classe podiam pedir comida. O garçom trazia tudo junto, num tabuleiro. O prato de comida vinha tampado por outro prato, os dois embrulhados num guardanapo branco, amarrado num nó. O garfo e a faca vinham enfiados no guardanapo e ostentavam também logotipos.

Pois foram esses pedidos da segunda classe que rememorei, no momento em que vi os pratos no chão da feirinha. Eles me trouxeram o ambiente em que vivi por tantos anos, uma vez que não apenas meu pai, mas toda minha família trabalhou em estrada de ferro. Todos na Araraquarense, com exceção do tio Neno, que, morando em Bauru, optou pela Noroeste do Brasil, que possuía a mais espantosa estação de toda a minha infância.

A grande excitação das viagens era a baldeação em Bauru, indo de Araraquara para Vera Cruz. Meu pai ficava na escada do trem e, assim que a composição entrava na plataforma e diminuía a velocidade, ele saltava e voava para o outro trem, parado na plataforma oposta. Era a batalha para se viajar sentado.

Minha mãe, meu irmão Luiz e eu nos encarregávamos da bagagem, que era passada pela janela. Eu considerava meu pai um herói, o rei do lugar sentado. Minha mãe morria de medo de ele cair embaixo do trem.

Pobres, raramente íamos ao restaurante. Levávamos sanduíches de presunto e queijo em pão de forma. Outra festa, o pão de forma. Era preciso encomendar na padaria uma semana antes. Não existiam supermercados e muito menos pão Pullman.

Duas coisas a gente comia em ocasiões especiais: presunto, quando se viajava, e maçã, quando se ficava doente. Mais tarde, meu pai

melhorou de vida e muitas vezes íamos jantar. Ele adorava o ritual do vagão-restaurante. Comer com o trem chacoalhando, que delícia!

E todo mundo pedia a mesma coisa: bife à Arcesp. Um bifão com molho de ervilha, tomate e cebola. De uma simplicidade exemplar. Mas de um sabor que nem mesmo os pratos sofisticados dos cinco estrelas de hoje conseguem reproduzir em minha boca.

A vida era simples, os prazeres também. Acabamos complicando muito, exigindo demais e nos distanciamos de verdades que se encontram nos pequenos gestos e situações. Não é nostalgia, nem saudosismo! A vida agora é boa (amanhã será pior), mas tudo anda meia-boca. E tudo isso por um prato da EFA!

A criança em mim

Então, chegava a época de Natal e os grandes ficavam ocupados com as festas, era preciso fazer roupa para a Missa do Galo, preparar o jantar de Natal, comprar frutas secas, preparar um bolo molhado, ficar horas fazendo canaricolis lambuzados de mel, pensando nas rabanadas. Passada a noite de Natal, vinha o dia seguinte. Antes de todos saírem para as calçadas para mostrar o que cada um tinha ganhado, e a competição era brava, e a humilhação também, os ricos tinham cada brinquedo de deixar babando, antes havia uma coisa muito importante a fazer: dar boas-festas ao povo. Era um grande momento.

Grupos de crianças saíam pelas ruas a apertar campainhas e bater palmas na porta das casas. Havia brigas, os mais fortes empurravam ou batiam, principalmente diante das casas onde moravam os ricos ou os que imaginávamos fossem ricos. Gente cheia da grana que responderia com dinheiro, castanhas, nozes ou figos secos aos nossos votos de boas-festas, feliz Natal, feliz ano-novo, boa entrada de ano. Ao menos era o que se

esperava de gente rica. Poucos davam nozes, coisa cara. Figo seco comi apenas uma vez e gostei demais, detestava amêndoas e avelãs. Saíamos cedo, apressados para chegar antes dos outros.

A manhã inteira, em todas as ruas da cidade de Araraquara, a meninada circulava, ansiosa e agitada. Aqui se incluíam as meninas, ainda com seus vestidos de festas, muitas delas enfeitadas com as fitas coloridas dos pacotes de presentes, ou uma bola de árvore de Natal na orelha, como se fosse brinco. Natal e ano-novo eram épocas para ganhar alguma coisa para comer ou um dinheirinho para a matinê do cinema.

Nem todo mundo era simpático. Tinha quem chegava furioso na porta, havia quem ameaçava, jogava água, aticava o cachorro. Havia aqueles, e sabíamos quais, que sorriam e entregavam moedas. Em geral gente mais velha, velho dorme pouco. Havia uma casa próxima ao Jardim Público que dava brinquedos aos primeiros que aparecessem, de maneira que bem cedo se formava um amontoado de crianças esperando. Claro que os maiores, aos socos e aos pontapés, iam para a frente, tinha marmanjo que trazia o cinto do pai e dava pancadas com a fivela. Doía pra chuchu!

Os velhos descobriram e, desde então, vinham cedo para a porta, anotavam as crianças menores que chegavam, iam chamando, você, você ali, você lá, aquele outro, não, o pequenininho do fundo. Os maiores ficavam enfurecidos, prometiam pancada para mais tarde. Só que esqueciam, iam fazer ruindades em outros lugares. Nada mais odioso do que aquelas pessoas que abriam a porta e, sem dar nada, rindo para encher nosso saco, respondiam:

- Bom Natal igualmente para você, meu filho!
- Felicidades, que o menino Jesus te proteja!
- Boas-festas a você, extensivas à sua família, à sua boa mãe, ao seu pai trabalhador!

Que raiva! Pães-duros! Unhas de fome! Mãos de vaca! Extensivas? O que era isso? Só fui saber o que significava no terceiro ano, quando perguntei à professora Daysi. Parte da manhã passávamos a pedir boas-festas e voltávamos para casa carregados de coisas. Uma vez consegui dez nozes, todos em casa comeram. Noz somente no Natal e da Merceria Lauand, lugar chique e caro, não era para todo mundo. Havia sacos abertos, um deslumbramento. Quanto deviam custar? Havia gente vigiando, os Lauand não eram bobos, entrou moleque ficavam de olho, a gente pegava uma noz e corria, era apanhado na porta. Uma vez, numa casa, vi a mulher abrindo a casca da noz com um aparelho engraçado, fazia croc e pronto, nunca tinha visto um aparelhinho daqueles. Pobre, quando pegava uma, abria no batente da porta ou com pedras.

A manhã de dar boas festas e esperar alguma coisa em troca durava até umas onze horas, quando então todos se reuniam nas calçadas e começavam a exhibir os brinquedos ganhos. Era sempre um automóvel ou um caminhão, um trem, um trator, tudo de madeira, ou de lata, plástico não existia. Para meninas havia somente bonecas, berços, minicozinhas, casas mobiliadas, fogões. Não existiam essas indústrias de brinquedos de hoje que deixam a criança alucinada com tanta coisa. Quem era rico podia ainda ter uma lancha de lata com uma caldeira, sob a qual acendia-se um chumaço de algodão. A água fervia e impulsionava a lancha num sistema como o das locomotivas, explicava meu pai.

Outra coisa deslumbrante eram as caixas *O Pequeno Arquiteto* com centenas de peças para se construírem casas, prédios, castelos, igrejas, o que se quisesse. Mas quem tinha dinheiro? Havia de 50 peças, de 80, de 100, de 150, 200 e até de 300, sonho impossível. Mas já prometi a mim mesmo que um dia entro numa loja e se tiver um *Pequeno Arquiteto* com mil peças compro na hora, custe o que custar. Depois, vou faltar ao trabalho por uma semana, ficando apenas a construir. A criança em mim está viva e inquieta. O construtor? Não sei, sempre é tempo de começar.

O Natal que se encheu de luz

O Natal começava em novembro, com os preparativos para a montagem dos presépios. Não havia família sem o seu, por mais pobre que fosse. Era, naquela Araraquara dos anos 40, símbolo necessário para um bom católico. E 80% da população se dizia católica.

Claro, o presépio pobre era rústico, com as imagens principais: Nossa Senhora e São José ajoelhados, a manjedoura com o Menino Jesus, os reis magos e uma estrela. À medida que o poder aquisitivo crescia, a figuração aumentava: pastores, ovelhas, bois e vacas, burros, casas de vários tipos, árvores, grutas, tudo de cerâmica, porcelana ou gesso.

Quem idealizara as imagens fazia segundo sua cultura e imaginação. As casas tanto pareciam do interior brasileiro, como da província francesa. Nada que remotamente lembrasse a Judeia. Cada um, ao montar o presépio, incluía tigres, onças, macacos, bonequinhas de louça ou celuloide, o que estivesse à mão ou viesse à cabeça. O importante era apresentar uma cena movimentada. Os mais favorecidos tinham uma manjedoura vazia, onde era acrescentado o Menino Jesus na noite de Natal. Durante semanas, Nossa Senhora e São José ficavam ajoelhados diante do nada, não sei como não se cansavam.

Na Igreja de Santa Cruz, as imagens do presépio eram imensas, ao menos para nós, crianças. Acho que existem até hoje. Na Matriz de São Bento eram menores. O da Santa Casa era rico e variado. Nunca mais entrei ali, não sei se a tradição vem sendo mantida.

Na minha rua, o dentista Carvalho, pai de minha professora primária Lourdes, fazia sucesso. Na sua Belém havia riacho, cachoeiras, pequenos lagos, uma roda d'água, moinhos e peças que se movimentavam. Ele usava o motor que acionava a broca de dentista para fazer figuras se moverem. Era fascinante, juntava gente, ali na esquina da rua Oito.

Eu sabia que meu pai estava preparando o presépio, quando ele começava a recortar as laterais das latas de óleo Maria para plantar arroz. Juntavam-se latas durante meses. Em cada lata uma porção de terra e sementes de arroz, regadas diariamente. Outro momento mágico: quando as pequenas mudas começavam a nascer, crescer. O verde tenro, depois firmava. Estas latas com mudas formavam a vegetação do presépio. Dias antes da montagem sobre a prancha de zinco especialmente preparada, saíamos pela periferia, indo colher musgo nos bosques perto do rio. Este musgo era depositado sobre uma camada de serragem misturada com terra e formava o “solo” da Judeia. Tinha de ser retirado com muito cuidado de seu habitat, numa operação delicadíssima. Era um tênue tapete verde natural.

A serragem vinha da serraria do Negrini, enorme, barracões debaixo de mangueiras. Todo mundo ia ali apanhar serragem para os presépios. Um mundo encantado essa serraria, com as toras sendo serradas dia e noite, as serras de fita assobiando e o cheiro penetrante da madeira violentada. Os marceneiros cuidavam para que os moleques não se aproximassem da serra de fita, podia cortar a mão de um menino desavisado. Éramos todos desavisados. A serra penetrava na madeira como faca quente em manteiga, um deslumbramento.

Até hoje sinto o cheiro dos presépios, vindo da mistura da serragem, musgo, terra molhada e galhos de cedrinho que faziam a parte de árvores, bosques. Em uma arte simples em que todos se empenhavam, cada um procurava criar melhor que o outro.

Havia, nas casas ricas, árvores de Natal, com suas luzes, penduricalhos brilhantes, fitas. Diziam que a árvore era coisa de protestantes que não acreditavam em Menino Jesus. Depois de uma certa época, fomos proibidos de acreditar em Papai Noel, era outro símbolo protestante. Os presentes, diziam todos, principalmente as catequistas, eram trazidos pelo Menino Jesus. Mas preferíamos o Papai Noel, com seu trenó, suas renas, sua incompreensível roupa vermelha brilhante.

Mas um ano, eu com meu irmão Luís e meus primos Zé, Toni, Ito, Cecília decidimos fazer a nossa árvore de Natal. O pinheirinho foi fácil. Os penduricalhos forjamos com o papel alumínio de cigarros e com bolinhas de gude, tampinhas de cervejas e refrigerantes, molas cromadas conseguidas na oficina mecânica do Braz Pirolla e do Tolói (tio do Dudu, o ex-meio-campista do Palmeiras).

E as luzes? Os pais não iam deixar fazer uma extensão, puxar força. Então, tivemos uma ideia. E por noites e noites nos dedicamos a uma caçada insólita. Até conseguirmos as nossas luzes. E naquela noite a árvore se acendeu e foi um delírio. Tínhamos caçado centenas de vaga-lumes. Colocamos em vidros vazios de remédios, da farmácia do Bertoldi, e os penduramos. O quintal se encheu de luz.

Textos reproduzidos da antologia *Crônicas para ler na escola* (Seleção de Regina Zilberman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 105, 113, 133), com a permissão do autor.